

"IL GUARANY"

JOSÉ DA VEIGA OLIVEIRA

O melodrama de Antonio Carlos Gomes é bem uma pedra angular de nossas temporadas líricas. Não obstante, sua repetição "ad nauseam" torna-se contraproducente. Afinal de contas, Carlos Gomes não produziu "Lo Schiavo", "Fosca", "Salvator Rosa", "Maria Tudor"? E onde estão elas? Dormindo na poeira das estantes? Quem de nós, exceto "Fosca", poderá gabar-se de conhecer essas óperas?

Entendemos que repor "Il Guarany" cada ano é desservir o maestro com agravante de uma representação preparada às pressas, atabalhoadamente, sem requisitos técnico-artísticos. Foi o que sucedeu com a 2.ª Récita de Gala.

Estreou-se o tenor SERGIO DI AMORIM no papel de Perry. Possui razoáveis atributos vocais. Todavia, ressentido-se de alguma aspereza nos fortes, pouca musicalidade, e, acima de tudo, desempenho estático em cena.

NIZA DE CASTRO TANK, soprano-ligeiro, voltou a encarnar Cecy (ou Cecília), de modo insatisfatório, ao cotejo com suas atuações no passado. Essa cantora, uma das glórias de nossa ribalta lírica, dotada de musicalidade e agilidade ímpar nos vocalizados, teve a voz encoberta pela orquestra, até mesmo na balada, que registra mínimo efetivo instrumental: — apenas cordas e madeiras.

Por seu lado, o barítono COSTANZO MASCITTI no papel do sinistro aventureiro espanhol Gonzales, manteve-se o mesmo, no parco rendimento vocal e dramático.

WILSON CARRARA, baixo, inseguro na emissão, fez como

pôde o capítulo do velho fidalgo português Dom Antonio de Mariz.

Já o baixo BENEDITO SILVA comportou-se magnificamente como o Cacique. Este sim, foi pra valer! A grandiosa cena da taba dos Aymorés salvou literalmente o espetáculo, pela voz de Benedito Silva e o bom comportamento do coro e da orquestra, num imponente e convincente "concertato".

O maestro ARMANDO BELARDI regeu de memória, dispondo a orquestra dum modo inusitado, com os primeiros-violinos à frente do pódio. Mas, por desdita, o importante capítulo sinfônico deixou a desejar, fosse pelo inarticulado de vozes e instrumentos, fosse pela inviabilidade dos pianíssimos.

"Il Guarany" como ópera envelheceu bastante. Mas essa velhice é apenas relativa, porque pouco resistiria a um "spartito" de categoria, trabalhando duas semanas diariamente. Isto é insofismável, como tivemos prova em passadas administrações. Ainda estão na memória de todos, um "Così fan tutte", uma "Lakmé", dois exemplos de trabalho aturado e honesto. Mas esse labor parece exasperar certos "donos" de temporadas, mais interessados nos dividendos do que no êxito artístico. Parece-nos inútil ficarmos repisando o mesmo assunto. Mas enquanto não se mudar a rotina, impossível será uma renovação de repertório, hábitos viciosos, política de clientela, etc.

Em suma: "Il Guarany" foi um fracasso.

